

# O avesso ( e o direito ) de um atendimento no presídio

Maria Alípia de Salles Guimarães

Uma situação que coloca questões espantosas para as imagens usuais do que é a delinqüência, a posição do terapeuta e o destino do desejo inconsciente.

**C**heia de fantasias, expectativas, uma intensa curiosidade e até um certo pânico, me preparo para atender uma das presidiárias que seria de minhas primeiras clientes no Presídio Feminino.

Procuro uma posição confortável, me ajeito na cadeira para me sentir mais segura para enfrentar uma possível terrível “fera” da delinqüência.

Chega A.L., nos seus 19 anos, pele clara, algumas sardas no rosto, cabelos castanhos repicados, nos ombros, uns expressivos olhos redondos meio arregalados. Esboça um sorriso, mostrando a falta de dentes na frente, o que lhe enfatiza certo ar de fragilidade, contrastando um pouco com uma imagem geral de boa aparência.

Deparo-me com uma figura que não corresponde a

nenhum possível rótulo estereotipado que se poderia fazer de uma “delinqüente”. Constato mais uma vez, muito claramente, a impossibilidade dos rótulos.

A.L. chega dizendo que “entrou nessa meio sem saber e sem querer”(sic). Há certa empatia entre nós. Ela me parece mais uma adolescente confusa, perdida, pedindo ajuda. Não sei exatamente o que fazer. Nem como. Apenas sei que ela me mobiliza.

Tenho muita curiosidade em saber de sua vida, de seus amores e dissabores, da intensidade de suas paixões. Quais seriam os desejos dessa mulher presidiária

**Maria Alípia de Salles Guimarães** — psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

que mais parece uma menina assustada? Em que difere o seu conteúdo e dinâmica mentais do de outras mulheres não-presidiárias? Existiriam diferenças além daquelas que caracterizam a singularidade de cada pessoa?

A.L. começa a falar dela mesma, de sua história, de como se sente.

Delito: Assalto a um casal numa praça.

Pai: Chefe de segurança da Polícia.

Mãe: Empregada doméstica.

É a primogênita de um casamento com 5 filhos, onde os outros 4 são homens. Os pais se separaram quando A. L. contava 9 anos de idade. A mãe se casou novamente e teve mais 2 meninas. O pai teve mais dois meninos de mulheres diferentes.

A. L. morava com a mãe após a separação dos pais, tinha um relacionamento difícil com ela e impossível com o padrasto. Passou a morar com uma tia, a avó, o pai, mas “nada durava muito”, deu-se muito mal com a nova companheira do pai.

Daí para a rua foi um passo. Trabalhava de quando em quando, como empregada doméstica em casa de família. Acabou voltando à casa da mãe, mas saía sempre à noite; voltava tarde, ou não voltava.

Nessa ocasião, tinha 11 ou 12 anos, e diz que era “curiosa”. Gostava de “saber das coisas e fiquei sabendo delas”... “pela vida mesmo”. “Acabei conhecendo demais”. Era a “ovelha negra” da família.

Gostava das “pessoas mau elemento porque era tudo liberado, ninguém mandava calar a boca”, como o pai dela mandava.

Sua família era racista e ela não (branco, preto, bom ou mau elemento, tudo era gente, ela queria conhecer).

Aos 14 anos aproximadamente, foi morar com um rapaz (na casa de seus pais) e aos 16 anos teve uma filha — aí casou no Cartório por pressão familiar (da família dele). Esse

A idéia que faço  
é a de um trabalho  
onde A. L. possa  
percorrer um caminho  
que a possibilite ver-se  
como mulher, com sua  
própria potência  
e não como desvalida.

casamento, entretanto, durou pouco. O marido era viciado em drogas (ela também foi) e não trabalhava, e quando nasceu a criança ela queria que ele “assumisse” o casamento, a filha, o que não aconteceu. Ela diz que “ele dava carinho, mas não um lar”.

Resolveu então separar-se dele e assumir a filha, mas foi difícil; não contou com o apoio da mãe, chegou mesmo a roubar de um bêbado para comprar leite para a criança. Diz que o sogro lhe tomou a menina e ela tinha muita dificuldade em vê-la, porque lhe opunham barreiras.

Fala pouco da filha. Ela própria parece estar mais para a filha, frágil, infantil...

Faz algumas visitas à menina e sempre que podia levava presentes, como se fosse uma brincadeira de bonecas.

Aos 17 anos foi morar com um baterista de um conjunto, por quem era apaixonadíssima. Era um ex-lutador de boxe, com a farta musculatura à mostra distribuída

pelo corpo apolíneo, que tanto desejo lhe despertava. Morria de ciúme dele. O seu tesão e ciúme eram proporcionais à exuberância da musculatura do rapaz.

Na sua fala, era clara a intensidade do desejo, desejo que fazia com que se sentisse viva. Mas, triste realidade, sempre necessariamente insatisfatória.

Por causa desse ciúme, acompanhava-o sempre em suas peregrinações noturnas tocando nas boates, numa condição de extrema dependência.

Ao ser presa na Delegacia, A. L. estava no início de uma gravidez que não vingou, e quando veio para a Penitenciária Feminina, deplorava a perda dessa criança. Por essa ocasião vivia ainda com o baterista, num clima constante de pânico que ele a deixasse por outra mulher.

No decorrer de nosso trabalho psicoterápico, após uns 2 meses, realmente aconteceu o que A. L. mais temia — seu companheiro a deixou por outra mulher.

Seu mundo parecia ter desabado. A. L. entrou em forte crise emocional, só saindo dela muito paulatinamente. Consegue perceber e resgatar pedaços de seu mundo depositados no companheiro. Sente-se mais inteira.

Atualmente, A. L. está em fase de preparação para o regime semi-aberto, um momento transitório, ponte entre a prisão e a liberdade.

Atendo-a sistematicamente há 6 meses, tendo-se estabelecido um vínculo bastante forte entre nós.

Na segunda semana de minhas férias, significativamente, tenta fuga.

Pausa.

Tento retomar e não consigo.

Bloqueio. “Fuga” das idéias. Prisão interna. Crise. Institucional. Profissional. Pessoal. Existencial.

Identifico-me com minha personagem.

E me vem toda a situação da mulher, de toda mulher (me incluindo).

do), em seus múltiplos papéis. Mãe, mulher ou ex-mulher, namorada, profissional em eterna formação... E a presa. E eu, aqui, totalmente prisioneira de minha própria impotência. Não conseguindo me desprender dessa inércia.

A singular universalidade da condição humana. A impossibilidade de integrar meus próprios paradoxos.

Ocorre-me, agora, a demanda contida em uma fala de A. L.: “O que adianta eu me aceitar, se quando eu sair daqui ninguém vai me aceitar? Eu vou ser sempre uma ex-presa.”

Novamente me deparo com minha impotência. A. L. aponta realmente para um fato concreto.

Como não ser tomada pela impotência e nem cair na onipotência?

E, no meio do impasse, chega-me aos poucos, a fala que vai me livrar dele, resgatando-me a potência, que devolvo a A.L.:

— “Tá certo, A.L., por um lado tem mesmo isso que você diz, da dificuldade de te aceitarem por ter sido presa. Mas isso é o mundo lá fora. E você nisso?”

Acho que fica bem delimitada a minha área de atuação. Volto ao confronto com meu próprio objeto de trabalho.

E é o que me fica de fundamental.

*Que, sem perder de vista o contexto mais amplo em que se insere, não posso perder a especificidade de meu próprio objeto de trabalho.*

O que primeiramente me chama a atenção em A. L., a partir do momento de sua chegada, é uma grande fragilidade e uma imensa carência afetiva.

Há um profundo sentimento de solidão e abandono. “Não consigo ficar sozinha aqui. Parece que está faltando uma parte minha. Eu já estava tão acostumada com o P. sempre perto. Agora estou vazia.”

E, parece que é este mesmo vazio que a move em direção ao crime.

“Meu pai não me aceita, ele nem me ouve...”

É nos grupos marginais que A. L. vai tentar recuperar essa palavra perdida.

“Lá ninguém me manda calar a boca. Lá eu falo.”

“Quero mostrar pro P. que sou mulher, mas também consigo segurar uma arma.”

E, por trás disso, a extrema fragilidade de sua condição de mulher. “Quero mostrar... que sou mulher, *mas...*”

E também o imenso ciúme.

“Eu sou um grude mesmo. Onde ele vai eu vou atrás.”

A idéia que faço é a de um trabalho onde A. L. possa percorrer um caminho que a possibilite se ver como mulher, e não desvalida; como mulher, com sua própria potência.

A. L., antes do assalto realizado junto com dois homens e que acaba por levá-la à prisão, passara por um teste. Seus companheiros exigiram-lhe que “se mostrasse capaz”. Assim, A. L. sujeitou-se a uma “prova” anterior para ver “se não ia dar bandeira na hora”. Essa

**O** que me chama atenção em A.L., a partir do momento de sua chegada, é uma grande fragilidade e uma imensa carência afetiva.

“prova” seria um outro delito, anterior ao em questão, onde A. L. pudesse ser testada.

A. L. aceitou o desafio. Conta com certa dose de humor como conseguiu “afanar grana de dois negrões enormes”. Parecia, na verdade, uma brincadeira de mocinho e bandido, em que A. L. queria se firmar “mocinho”, aceitando por isso o papel de bandido. Conta que um deles parecia não querer levá-la a sério, e quando isto ocorreu, ela, assustada, tomada pelo pânico, disparou a arma contra o chão. (Imediatamente os homens mudam de atitude... e entregam o dinheiro.)

Esse momento marca sua aprovação (e entrada?) no mundo da delinqüência. (Poderia, a partir de então, participar do tal assalto na praça.)

E nesse jogo de quem é o mais forte, A. L. acaba se consagrando “forte” exatamente no momento de sua fraqueza. Pelo medo. Pelo sem querer do disparo. A força da fraqueza.

A. L. lê, relê, se empolga com o livro de Marcelo Paiva, “Feliz Ano Velho”.

E me vem dela, agora, de uma fala sua, parte da resposta àquelas minhas anteriores e infundáveis indagações sobre a possibilidade ou não de se exercer a Psicanálise numa instituição, especificamente na instituição Presídio:

— “Sabe o que eu mais gostei no livro de Marcelo Paiva? É quando ele começa a sentir que aquela cadeira de rodas passa a fazer parte da vida dele mesmo. E isso não dá pra mudar. E, *que aí ele percebe que ELE já mudou.* Não está tão mal mais.”

E não é mesmo esse defrontar-se com a própria realidade, a não recusa da ~~realização~~ <sup>realidade</sup>, que torna possível a transformação interna e externa?

E, a partir do reconhecimento dos limites, a possibilidade de se libertar.

Novamente A. L., finalizando:

— “Porque, afinal, porra, aqui não é a minha casa!!!”